

ASORTE



III

Às vezes, os guardiães mudam a sua roupa. E, enquanto a costureira veste seca, usam outra para não assustar aqueles que receiam espelhos. Neste intervalo, tornam-se amantes, os amantes das meias luas. Pois não há nada de grande que cresça sem amor.

E é quando passam mais tempo no areal. Rondam os seus pedaços de mar, frutos de terra. O tempo deixa de correr e trocam-se impressões, ensinam-se e aprende-se. Conversas de ser mar, conversas de ser terra, sem nunca ser lama. Há coisas que não se podem misturar.

Quando chega o final da tarde, todos abandonam a areia. Vão para casa, saborear a colheita que o mar maturou nesse dia. Os amantes, contudo, permanecem. Os amantes das meias luas. Pesquisam-nas, percorrem-nas milímetro a milímetro, em busca de brechas, falhas que aqui, ao contrário do que acontece nos palheiros, não podem ser deixadas abertas: o vento liga, as águas afundam.

E começam a amar-se. Entram nelas e, encontrando o local onde se abrem as portas para o mar, fazem-se tábuas, transformam-se em madeira e